

## A LINGUAGEM INTERSEMIÓTICA DO CIBERESPAÇO A SERVIÇO DA LITERATURA

Penha Élide Ghiotto Tuão Ramos (UENF)

[elidatuao@hotmail.com](mailto:elidatuao@hotmail.com)

Pedro Lyra (UENF)

[pedrowlyra@hotmail.com](mailto:pedrowlyra@hotmail.com)

Analice de Oliveira Martins (UENF)

[analice.martins@terra.com.br](mailto:analice.martins@terra.com.br)

### RESUMO

O desenvolvimento das tecnologias de informação e comunicação traz profundas alterações para o texto, não só no que diz respeito à sua contiguidade física, mas também à linguagem que utiliza, especialmente a partir da introdução do hipertexto e da hipermídia. Tais mudanças têm repercutido nas produções literárias e dado origem a uma ciberliteratura, na qual predomina uma linguagem inteiramente intersemiótica: às palavras escritas, são somados sons, imagens e animações. Tendo em vista essa manifestação vanguardista, a pesquisa em questão pretende refletir sobre o uso do hipertexto e da hipermídia na construção do texto literário. Com a análise de textos literários digitais, será possível perceber que, utilizando a linguagem hipertextual e hipermediática, o texto literário exige do leitor mobilização e interação que excedem aos cliques de *link* em *link*.

**Palavras-chave:** Literatura. Linguagem. Tecnologia digital.

### 1. Considerações iniciais

O texto existe mediante a um suporte que garanta a sua leitura (ou escuta). Assim, para a concretização de um texto, é necessária uma materialidade que, independente de formatos, permita sua realização para além do pensamento, de modo que o autor possa exteriorizá-lo, tornando-o visível aos olhos – ou aos ouvido – do leitor. Por isso, é possível afirmar que os autores não escrevem livros, mas, sim, textos, os quais se tornam “objetos escritos – manuscritos, gravados, impressos e, hoje, informatizados – manejados de diferentes formas por leitores de carne e osso cujas maneiras de ler variam de acordo com as épocas, os lugares e os ambientes” (CAVALLO; CHARTIER, 1998, p. 9).

Afinal, o que seria *livro*? Seria uma referência tipográfica fixada a partir da imprensa de Gutenberg? Citando Paulo Evaristo Arns (1993), Machado (1994, p. 204) esclarece que o termo *livro* (*liber*) já teve uma conotação mais genérica e designava os dispositivos de fixação do pen-

samento de um modo geral – pedra ou madeira, a tabuleta de cera ou o rolo de pergaminho, entre outros – e, com a expansão do cristianismo e com a generalização do formato cristão, a terminologia *livro* passa a designar exclusivamente o códice, não havendo um termo mais genérico para se referir a qualquer outro dispositivo de fixação do pensamento.

Tendo em vista os formatos digitais, a noção de contiguidade física em torno do objeto livro retoma seu caráter rarefeito do passado: “A edição digital liberta o texto de sua relação com o livro. Este, a partir de então, não determina mais aquele. O texto existe fora de seu suporte material” (CLÉMENT, 2003, p. 30).

O escrito constitui um material que não pode ser desvinculado dos modos de utilização, de compreensão e de apropriação, sendo marcado por formas e rituais que direcionam a construção de sentido a partir da prática de seus leitores – conforme o suporte, o texto conseqüentemente oscilará sua estrutura e os modos de leitura. Migrando para a tela, o texto verbal soma-se à linguagem eletrônica – especialmente à hipermídia e ao hipertexto –, provocando alterações até mesmo na literatura. Assim, qual seria a literatura da era digital? Tendo a tela como suporte textual, qual a linguagem que passa a reverenciar a literatura? A fim de proporcionar respostas aproximativas, algumas considerações serão levantadas a partir de alguns textos que compõem a revista digital *Artéria* 8.

## **2. Texto digital: entre o aperfeiçoamento e a novidade**

Com o formato digital e a internet, a escrita se desmaterializa e o texto passa a ter dispositivos de deslocamento e de construção diferentes do impresso, alterando noções de contiguidade física e, ao mesmo tempo, ampliando a sua difusão:

Sem materialidade, sem localização, o texto em sua representação eletrônica pode atingir qualquer leitor dotado do material necessário para recebê-lo. [...] Todo leitor, onde estiver, sob a condição de estar diante de um visor de leitura conectado à rede que assegura a distribuição de documentos informatizados, poderá consultar, ler, estudar qualquer texto, independente de sua localização original (CHAR-TIER, 1999, p. 104).

Em *sites* ou em *e-books*, é oferecido um texto fundamentado no *hipertexto* e na *hipermídia* resultando em relações distintas daquela mantida com o papel. Enquanto no formato impresso o texto tem uma estrutura rígida de registro e de visualização, textos construídos para o suporte eletrônico frequentemente autorizam o leitor a dar a sua linearidade àqui-

lo que lê, ao mesmo tempo, estimula esse tipo de reação. A escrita se oculta em camadas interpostas que são desvendadas conforme os cliques dados e a ordem previamente determinada pelo autor se mostra mais frágil no texto digital do que no impresso:

O leitor da leitura na Internet encarna o papel do detetive auditivo que lê as pistas do hipertexto, que segue as linhas e que estabelece uma relação plausível entre os vários seguimentos do texto. Em vez de seguir apenas os *links* fornecidos, o leitor-detetive também tem de procurar e encontrar os *missing links*. Não pode confiar. Na estrutura linear do link do hipertexto, tem de decifrar a ligação secreta, as estratégias discursivas e restabelecer a ligação temática das presunções auditivas a partir do tópico, servindo-se do seu instinto de detetive. A audição alcançada sobre uma trama labiríntico/risomática do nosso saber universal enciclopédico visa a uma ordem das coisas provisória e hipotética (VILLAÇA, 2002, p. 109).

A partir de dispositivos técnico-informáticos representados por palavras ou imagens que possibilitam um deslocamento praticamente instantâneo entre textos, os hiperlinks ou links remetem o leitor a outras dimensões textuais, conferindo grande velocidade na sobreposição das páginas. É certo que esse tipo de conexão não está restrita ao contexto informático. Há tempo que os textos impressos fazem o uso de notas de rodapé e de palavras remissivas, as quais requerem conhecimento extra e intratextual que implicam uma atividade de busca por parte do leitor, formando uma intertextualidade existente a partir de uma rede mnemônica fundamentada em inumeráveis textos. Pode-se dizer, então, que a noção de hipertexto tem origem nas relações analógicas do impresso<sup>22</sup> e é aperfeiçoada e, de certo modo, materializada pela velocidade da tecnologia digital. No texto digital, o hipertexto passa a ser representado graficamente: “A intertextualidade em rede não é apenas uma relação com a memória do intérprete, entre o texto atual e a memória do texto. Os dois textos são igualmente presentes e interligáveis entre si por links, estruturados a vários níveis” (VILLAÇA, 2002, p. 108).

As conexões intertextuais que estariam internalizadas em um leitor assíduo são externadas a partir de processadores de palavras, formando os hipertextos eletrônicos: um texto se funde a inúmeros outros textos acessíveis aos cliques do leitor. Dessa forma, o *hipertexto* é um dispositivo que só se faz visível em sua virtualidade eletrônica, de modo que, sendo impresso, perde sua multiplicidade e torna-se uno:

---

<sup>22</sup> Na verdade, uma relação de diversos impressos entrelaçados virtualmente pela memória do leitor que tem internalizada, intertextualmente, sua própria coletânea.

A sensação paradoxal de tocar e não tanger taticilmente o hipertexto, de atualizá-lo sem senti-lo fisicamente, ou seja, de poder manuseá-lo, transportá-lo, virtualmente, de um lado a outro, cortá-lo, reconstruí-lo, editá-lo e até imprimi-lo, e, ao mesmo tempo, não poder envolvê-lo nas mãos como se faz com um texto em celulose, torna a relação leitor-texto, no mínimo, diferente. A impressão do hipertexto não resolve esse problema, porque uma vez impresso, ele deixa de ser "hiper", toma-se um texto gutenberguiano, perde a sua ubiquidade espaço-temporal, além de esvaziar-se de sua capacidade de apresentar imagens animadas e efeitos sonoros, fatores que o singularizam em relação ao texto material (XAVIER, 2002, p. 30).

Com o *hipertexto*, tem-se um texto necessariamente não sequencial, que resulta no incentivo de uma leitura igualmente descontínua por meio do acesso praticamente ilimitado a outros textos alocados no ciberespaço: “[...] se a leitura no computador se dava de forma linear, agora com o hipertexto temos uma rede multidimensional na qual cada ponto ou nó pode ser potencialmente conectado a qualquer outro” (VILLAÇA, 2002, p. 103). Essa dinâmica do hipertexto não é casual. Segundo Marcuschi (2000, p. 96), é possível determinar a natureza do hipertexto, atribuindo-lhe as seguintes características:

- *Não linearidade*: flexibilidade desenvolvida pelas ligações sugeridas;
- *Volatilidade*: não tem a estabilidade dos textos de livros impressos;
- *Espacialidade topográfica*: espaço de leitura e de escrita que não tem limites definidos;
- *Fragmentariedade*: há uma constante ligação entre textos breves, sem um centro regulador;
- *Acessibilidade ilimitada*: permite o acesso a todo tipo de fonte (jornais, museus, literaturas, dicionários etc.);
- *Multissemiose*: interconecta simultaneamente a linguagem verbal com a não verbal, de modo integrado;
- *Interatividade*: devido à acessibilidade ilimitada e pela relação de um leitor navegador com múltiplos autores.

Os hiperlinks, linguisticamente, podem exercer várias funções, dentre as quais, Xavier (2002) e Koch (2005), destacam a *dêitica*, a *coesiva* e a *cognitiva*. Na função dêitica, apontam-se os participantes, o lugar ou o tempo em que um enunciado é produzido, contribuindo para o monitoramento do olhar do leitor, tanto retrospectiva, quanto prospectiva,

temporal e cognitivamente. Nessa função, entrelaçam-se discursos, sugerindo direções para o hiperleitor se enveredar e funcionando como “focalizadores de atenção” e “[...] ejetam o leitor para fora do texto que naquele momento está na tela, remetendo suas expectativas de completude de compreensão para outros espaços ali referenciados” (KOCH, 2005, p. 65).

Já na *função coesiva*, o *hiperlink* também pode interligar as informações, desfazendo a aparência aleatória dessas entradas textuais: “Não somente remeter e entrelaçar os discursos em um universo enorme de outros dizeres agora disponíveis hipertextualmente, mas, sobretudo, “amarrar” as informações para permitir que os usuários as transformem em conhecimento real e em conclusões relativamente seguras [...]” (XAVIER, 2002, p. 169).

Para exercer a *função cognitiva*, Xavier (2002, p. 173) o hiperlink deverá aglutinar “significações abrangentes e extensivas a domínios vários do saber, o fim de funcionar produtivamente na leitura hipertextual, i.e., encaixados nos quadros mentais e nos mundos possíveis normalmente desencadeados em um leitor mediamente letrado” Isso significa que o acabamento estético dado ao hiperlink (cores, luzes, movimentos) não é suficiente, e deixa claro que, além de atrair o hiperleitor, é necessário ainda que haja um significado que instigue o leitor.

Representado não apenas por palavras, o texto digital pode unir ao elemento verbal imagens não estáticas acompanhadas de som. Assim, em uma única mídia e mantendo o princípio do hipertexto, emerge a hiper-mídia:

Longe de ser apenas uma nova técnica, um novo meio para a transmissão de conteúdos preexistentes, a hiper-mídia é, na realidade, uma nova linguagem em busca de si mesma. Essa busca depende, antes de tudo, da criação de hipersintaxes que sejam capazes de refuncionalizar linguagens que antes só muito canhestamente podiam estar juntas, combinando-as e retecendo-as em uma mesma malha multidimensional (SANTAELLA, 2005, p. 392).

Na tecnologia digital, o livro enquanto objeto não existe e o texto se torna um fluxo imaterial, cuja superfície é inacessível ao tato do leitor<sup>23</sup>. Isso acarreta consequências que modificam as relações convencionais do triângulo autor-texto-leitor, trazendo à história da leitura novos paradigmas.

---

<sup>23</sup> Situação que, de certa forma, se mantém mesmo com o tablet, pois o contato do leitor se dá com a tela e não com o texto propriamente.

### **3. Mudanças na literatura**

Tendo em vista que, no século XXI, as obras são escritas, editadas, compostas e enviadas aos computadores que as converterão em livros, não causa estranheza a afirmação de que a literatura contemporânea é computacional, como indica a pesquisadora e crítica literária Katherine Hayles (2009, p. 61). Assim, quase todos os livros impressos são, antes de tudo, arquivos digitais, ainda que esse caráter computacional fique mais aparente na literatura eletrônica. Cresce a produção de literatura eletrônica, do mesmo modo que se aprimora a manifestação da eletrônica na literatura. Consolidando-se no impresso, o texto arma-se de estratégias para “atender as expectativas de um público assentado no mundo digital” (CARVALHO, 2010, p. 155).

Nesse novo fazer literário, nem todo texto do meio digital se classifica como literatura eletrônica. Esse é um termo criado por Noah Wardrip-Fruin, crítico de literatura eletrônica e chefe da comissão da ELO (Electronic Literature Organization), juntamente com sua equipe. Literatura eletrônica é definida, então, como “obra com aspecto literário importante que aproveita as capacidades e contextos fornecidos por um computador independente ou em rede” (HAYLES, 2009, p. 21).

Ora, seja no texto impresso ou no eletrônico, em que consistiria a feição literária? Segundo Marisa Lajolo (1991, p. 38), a linguagem literária promove um espaço de interação de subjetividades (autor e leitor) que escapa ao imediatismo, à predictibilidade e ao estereótipo das situações e usos da linguagem cotidiana, driblando o leitor. Em outras palavras, a literatura é Arte, “um ato criador que por meio da palavra cria um universo autônomo”, conforme anuncia Nelly Novaes Coelho (1976, p. 23). Em rede, contudo, o texto literário assume caráter experimental e híbrido, em correspondência às transformações nos modos perceptivos e cognitivos pelos quais a sociedade está passando em decorrência dos avanços tecnológicos.

Para designar essa literatura que emerge da cibercultura, Pedro Barbosa (2003) utiliza as denominações infoliteratura e ciberliteratura, compreendendo-a como um “procedimento criativo novo, nascido com a tecnologia informática, em que o computador é utilizado, de forma criativa, como manipulador de signos verbais e não apenas como simples armazenador e transmissor de informação [...]” (BARBOSA, 2003, p. 4). Nessa perspectiva, o suporte eletrônico – não só o computador, mas, em um contexto mais recente, o tablet e o smartphone – extrapola a mera

função de arquivo e/ou veículo de informações para estabelecer inovadoras conexões com a literatura.

A partir dessas construções textuais, tornam-se explícitas questões sobre a delimitação dada ao texto literário eletrônico, não aspectos ligados ao fim ou não do livro impresso. À dimensão verbal tão intrínseca à literatura, agrega-se a dimensão computacional e outros signos, de modo que “a palavra deixa de ser linguagem verbal e amplia seus horizontes, suas delimitações, para tornar-se texto verbal, sonoro, visual, audiovisual, digital, em outro contexto” (ANTONIO, s./d.). Para isso, uma linguagem nova, a hipermídia, é utilizada na construção do texto.

Com a (re)configuração da linguagem literária a partir de *softwares*, o escritor, além do típico domínio da palavra, precisa manipular a linguagem cibernética – razão que pré-determina parcerias entre escritores, programadores e designers gráficos –, gerando uma literatura experimental, cingida por um mosaico semiótico que articula pensamento humano e processamento computacional: “A conjugação da língua com o código tem estimulado experimentos na formação e na colaboração de diferentes tipos de linguagens” (HAYLES, 2009, p. 36). Nessa nova literatura, as proficiências visual e gráfica se tornam tão necessárias quanto a verbal, assinalando as alterações pelas quais a literatura está suscetível: “cada época fundamenta-se de acordo com a sua maneira de interpretar a vida e o mistério da condição humana” (COELHO, 1976, p. 23).

#### **4. A literatura produzida para o ciberespaço**

De um modo geral, não é determinada uma regra para jogo entre os espaços virtual e concreto: a produção em papel é divulgada nos ambientes virtuais e, desses mesmos espaços, surgem produções que se tornam impressas. No ambiente virtual, há grande capacidade de armazenamento para as obras; nele, abandona-se a fixidez e adere-se à maleabilidade: basta um clique para o leitor ser redimensionado a álbuns com as mais diversas criações. Trata-se de um efeito que atribui à escrita eletrônica dois polos bastante contraditórios:

[...] por um lado, a fixação perene, intemporal de textos e documentos, já que os sistemas de depósito virtual não estão sujeitos à usura do tempo nem à finitude do espaço; mas por outro lado, a produção textual mais efêmera, introduzindo na escrita uma dimensão de provisoriedade, de contingência, que esta, enquanto inscrição em suporte fixo, não possuía. [...] Contradição que poderia ser enunciada da seguinte forma: a rede comporta um arquivo imenso, infinito e perene, aliado a uma produção textual imediata, não linear e efêmera (BA-

BO, 2004, p. 105).

Diante dessa fugacidade, tornam-se relevantes as experiências literárias que se conservam ao longo do tempo como é o caso da revista digital *Artéria 8*<sup>24</sup>, organizada por Omar Khouri e Fábio Oliveira Nunes, nos anos 2003 e 2004. Na sua rubra página inicial, *Artéria 8* apresenta um sumário com o nome de vários poetas, como Glauco Mattoso, Arnaldo Antunes, Augusto de Campos, Haroldo de Campos, Décio Pignatari, entre outros. Os autores são mencionados em um *menu* em formato oval que gira em sentido horário: lentamente se o cursor estiver longe e rapidamente se estiver próximo dos nomes.

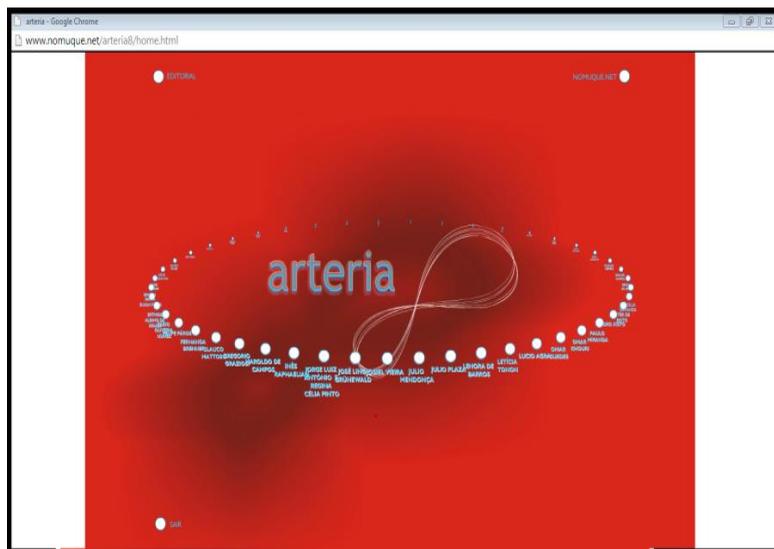


Fig. 1: Página inicial da Revista Digital *Artéria 8*

Enquanto a página carrega, é emitido um som e, ao clique do leitor, é possível acessar os poemas, o que exigirá, de certa forma, a coordenação dos movimentos com o *mouse* – ou com a ponta do dedo, dependendo da tecnologia em questão –, pois o sentido em que os nomes se movem alterna entre horário e anti-horário, conforme a posição com que

---

<sup>24</sup> *Artéria* é uma revista criada em 1974, e teve seu primeiro número lançado em julho de 1975. Não querendo ser o tradicional *caderno*, estabeleceu uma configuração diferente a cada número, configurando-se, assim, em sacola, caixa de fósforos, caixa e fita-cassete, entre outras, chegando ao atual formato, em oitava edição, um *site*, disponível em: <<http://www.nomuque.net/arteria8/home.html>>.

o cursor se aproxima. Assim, há uma diversidade de semioses – palavras, imagem, animação, som e movimento – que caracterizam a coletânea como uma *literatura hipermediática*, sob uma estrutura visual que rememora os procedimentos adotados na poesia concreta. Nessas construções em que se insere o hipertexto, fica permitido interromper o fluxo de leitura através de redes remissivas interligadas, os *links*, conduzindo o leitor a um vertiginoso delírio de possibilidades (VILLAÇA, 2002, p. 107).

Dentre os trabalhos publicados em *Artéria 8*, estão *Sonetos Clássicos e Plasmados*, de Glauco Mattoso, os quais mantêm o formato textual tradicional, apenas para a visualização. Ainda que muito semelhante ao impresso, constitui um tipo de produção que também requer parcerias entre escritor e *web designer*.

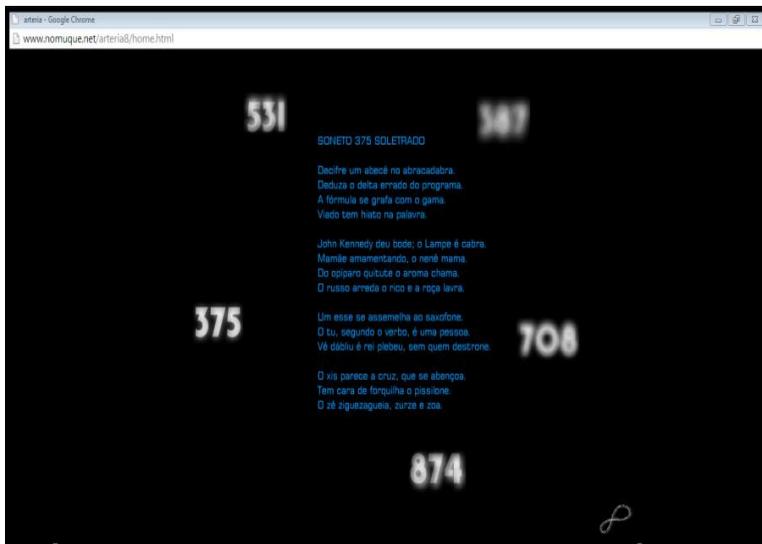
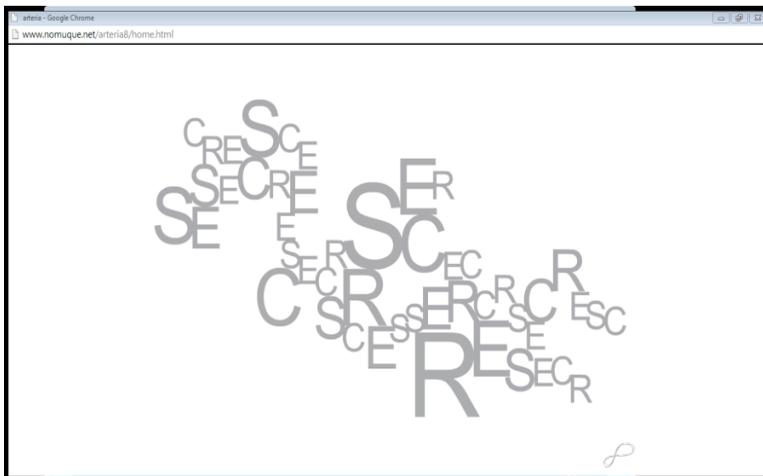


Fig. 2: Um dos Sonetos Clássicos e Plasmados, de Glauco Mattoso

Em vez de poema, Silvia Laurentiz cria uma plataforma para o *leitor-usuário* escrever o seu poema e o visualizar sob uma conversão em *Móvil 3D*, tornando-se, assim, *usuário-autor*. Essa proposta faz o leitor vivenciar a criação de uma literatura experimental, cingida por uma linguagem intersemiótica que articula pensamento humano e processamento computacional: “A junção da língua com o código tem estimulado experimentos na formação e na colaboração de diferentes tipos de linguagens” (HAYLES, 2009, p. 36). Nessa nova literatura, as proficiências

visual e gráfica se tornam tão necessárias quanto a verbal.

Entre tantas outras produções digitais, está o poema *Cresce* (2003), de Arnaldo Antunes, no qual o leitor tem a oportunidade de interagir com as palavras dispostas na tela: é possível clicar nessas palavras e reordenando-as e, conseqüentemente, produzindo um novo texto.



**Fig. 3:** *Cresce*, de Arnaldo Antunes

Partindo da sonorização e das experimentações, linguagens se misturam e se torna praticamente um pré-requisito para existência do texto no ciberespaço.

## **5. Considerações finais**

Utilizando a tela como suporte textual, novas possibilidades de criação surgem para os escritores e suas experimentações, especialmente através da hipermídia e do hipertexto. À visualização poética predominante na poesia concreta, são acrescentados som e movimento, criando uma estrutura hipermidiática que permite ao leitor novas percepções estéticas. A literatura passa, então, a ter novas vertentes e a estar cada vez mais assistida pela máquina, mas, ainda assim, mantém incólume seu caráter humano e humanizante.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANTONIO, Jorge Luiz. *Sobre poesia digital*. Disponível em: <<http://arteonline.arq.br/museu/ensaios/ensaiosantigos/jlantonio.htm>>. Acesso em: 14-05-2014.
- ANTUNES, Arnaldo. *Cresce*. Disponível em: <<http://www.nomuque.net/arteria8/home.html>>. Acesso em: 12-10-2014.
- ARNS, Paulo Evaristo. *A técnica do livro segundo São Jerônimo*. Rio de Janeiro: Imago, 1993. [2. ed. São Paulo: Cosac Naify, 2007].
- BABO, Maria Augusta. O hipertexto como nova forma de escrita. In: SÜSSEKIND, Flora (Org.). *Historiografia literária e as técnicas de escrita: do manuscrito ao hipertexto*. Rio de Janeiro: Vieira e Lent, 2003.
- BARBOSA, Pedro. O computador como máquina semiótica. *Ciberscópico*. Maio de 2003. Disponível em: <[http://www.ciberscopio.net/artigos/tema2/clit\\_06.pdf](http://www.ciberscopio.net/artigos/tema2/clit_06.pdf)>. Acesso em: 11-09-2014.
- CARVALHO, Diógenes Aires de. Literatura infantojuvenil: diálogos entre a cultura impressa e a cibercultura. *Desenredo*, vol. 6, n. 2, 2010. Disponível em: <<http://www.upf.br/seer/index.php/rd/article/view/1715/1132>>. Acesso em: 20-08-2014.
- CAVALLO, Guglielmo; CHARTIER, Roger (Orgs.). *História da leitura no mundo ocidental*. São Paulo: Ática, 1998.
- CHARTIER, Roger. *A ordem dos livros: leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII*. Brasília: Universidade de Brasília, 1999.
- CLÉMENT, Jean. *Do livro ao texto: as implicações intelectuais da edição eletrônica*. In: SÜSSEKIND, Flora (Org.). *Historiografia literária e as técnicas de escrita: do manuscrito ao hipertexto*. Rio de Janeiro: Vieira e Lent, 2003.
- COELHO, Nelly Novaes. *Literatura e linguagem: a obra literária e a expressão linguística*. São Paulo: Quíron, 1976.
- HAYLES, N. Katherine. *Literatura eletrônica: novos horizontes para o literário*. São Paulo: Global: Fundação Universidade de Passo Fundo, 2009.

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. *Desvendando os segredos do texto*. São Paulo: Cortez, 2005.

LAJOLO, Marisa. *O que é literatura*. São Paulo: Brasiliense, 1991.

LAURENTZ, Sílvia. *Móbile 3*. Disponível em: <<http://www.nomuque.net/arteria8/home.html>>. Acesso em: 11-10-2014.

MACHADO, Arlindo. Fim do livro? *Estudos Avançados*, São Paulo, vol. 8, n. 21. 1994.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. O hipertexto como um novo espaço de escrita em sala de aula. In: AZEVEDO, José Carlos de. (Org.). *Língua portuguesa em debate: conhecimento e ensino*. Petrópolis: Vozes, 2000.

MATTOSO, Glauco. *Sonetos clássicos plasmados*. Disponível em: <<http://www.nomuque.net/arteria8/home.html>>. Acesso em: 10-09-2014.

SANTAELLA, Lúcia. *Matrizes da linguagem e pensamento: sonora visual verbal*. São Paulo: Iluminuras/FAPESP, 2005.

VILLAÇA, Nízia. *Impresso ou eletrônico: um trajeto de leitura*. Rio de Janeiro: Mauad, 2002.

XAVIER, Antônio Carlos dos Santos. *Hipertexto na sociedade da informação: a constituição do modo de enunciação digital*. 2002. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem / Universidade Estadual de Campinas, Campinas.